

O cinema em Ribeirão Preto: representações do moderno (1890-1930)

Fernanda Helena BARTOLOMEU

Área: História Cultural

Introdução

Após a revolução francesa e industrial, a Europa, e principalmente a França, passaram por um processo de modernização, no qual se destacam a urbanização de Paris e a adoção de novos hábitos culturais. Já admirada pela capacidade de fazer uma revolução de cunho ecumênico e popular, a França acaba virando modelo para outras culturas e outros países.

Concomitantemente a esta modernização, vemos crescer a produção de café brasileira, e com ela, a ascensão dos coronéis, então ávidos pela modernidade e pelo consumo conspicuo que lhe é próprio. Nesse período o Brasil participava com 51% da produção mundial de café, então esteio da economia nacional, e tinha no mercado norte americano seu maior consumidor. Contando com excelentes condições de solo e clima, a cafeicultura tornou-se a principal lavoura da região, o que só se tornou possível com a implantação dos trilhos da Companhia Mogiana, em 1883.

Em meio a tantos símbolos e inovações, o cinema chega a Ribeirão, gerando grande furor e curiosidade, tornando-se um dos principais meios de lazer de uma sociedade, que busca no moderno romper com o arcaico.

Não pretendemos aqui dissertar sobre o cinema ou o funcionamento de seus aparelhos, e sim, demonstrarmos como a sua chegada implicou em mudanças de hábitos e mentalidades. Inspirada no modelo francês, essa sociedade busca romper com o obsoleto, buscando o novo, enquanto suspira, grita, chora e se emociona com imagens reproduzidas na grande tela.

Metodologia

O tema que circunscrevemos foi abordado sob a perspectiva epistemológica inaugurada pela Escola dos Annales, tanto no que se refere à escolha do objeto e amplitude das fontes, quanto no que se refere às muitas contribuições possíveis advindas de outras ciências sociais.

Para orientar e legitimar tal pesquisa, foram utilizadas fontes que revelam a existência e surgimento desses cinematógrafos e teatros, tais como fotos, que permitem a ilustração da época estudada, jornais A Cidade, sendo que parte destes são transcrições de Liamar Tuon, que digitalizou jornais que não podem mais ser manuseados devido ao alto grau de deteriorização, e outra parte são transcrições próprias de jornais de 1905 e 1909, que demonstram não só a programação diária, mas também o preço os ingressos e os comentários da população sobre o novo entretenimento, e uma relação de “Indústrias e Profissões”, encontrada no Arquivo Municipal de Ribeirão Preto, que se apresenta seriamente fragmentada, mas que possibilita a revelação da existência, localização e o nome dos principais empresários dos cinematógrafos de 1911 até 1920.

Objetivos

O presente trabalho orientou estudos que tinham como principal objetivo analisar tanto o contexto econômico que criou as condições necessárias para a modernização, quanto à própria modernidade em suas múltiplas manifestações, destacando os sentidos sociais atribuídos à implantação do cinema, buscando a compreensão do significado que esta novidade trouxe para a mentalidade da época.

Resultados

Verificamos, portanto que o cinema é fruto de um duplo contexto: o mundial, onde após a revolução francesa e industrial, ocorreu uma vasta mudança modernizante, que, tendo destaque na França, mais precisamente em Paris, se alastrou pelo mundo, proporcionando transformações econômicas, sociais e culturais, e o regional, cujo enriquecimento advindo do café gerou condições para a transposição desse novo modelo para o Brasil.

Na primeira década do novo século, a modernidade gesta a elite e a diferencia de outras camadas, tornando-a peculiar diante destas. A roupa, o transporte, o horário, o desejo, tudo impulsiona para a ascensão cultural desta, que na verdade ainda não compreende bem o que são esses elementos, já que a modernidade é confusa, já que “ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia”. É necessário lembrar que essa sociedade ribeiropretana, por mais desejosa de civilidade que fosse, ainda continha em sua estrutura traços rurais e tradicionais, que não permitiam a plenitude desse anseio.

Em um primeiro momento, o cinema é também agente de exclusão, que se oferece apenas à grande elite, que pode construir teatros e cinemas para ver uma coisa que ainda não compreende bem. Mas isso não é problema. Sendo moderno, que mal tem?

A digitalização feita dos jornais A Cidade, seguindo a idéia das transcrições de Liamar Tuon, nos possibilitou a percepção de que o cinema, em seu início, era trazido por ambulantes que percorriam um circuito nacional. A partir de 1908, Tuon já declara que existiam algumas salas de exibição fixas, mas que funcionavam não exclusivamente como cinema, semelhante ao que temos hoje, mas sim em teatros, que diversificavam seus programas, trazendo grandes companhias para estes. A música acompanha e complementa a imagem muda, que se expressa através de gestos, até que a própria ganhe vida com o cinema falado.

Mas em um segundo momento, aos poucos, conforme vai se popularizando e chegando para o restante da população na década de 1910, o preço do ingresso vai caindo, assim como seu status, que se preserva somente diante dos grandes e tradicionais teatros ainda freqüentados pela elite. O cinema então não é mais o diferenciador das camadas populacionais. É sim um elemento comum. O que causa a diferenciação passa a ser o lugar onde cada camada assiste aos filmes. Freqüentando os teatros centrais, é elite e ainda mantém a pose de ricos coronéis. Freqüentando os bairros periféricos, é a camada mais pobre da cidade.

Referências bibliográficas

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BURKE, P. **A Escola dos Anales (1929-1989)**. São Paulo: Edunesp, 1997.

FRANCISCO, A. C. P. **Os caminhos do Cinema na Eldorado Paulista (1897-1925)**. Uma pequena contribuição para a História do cinema em Ribeirão Preto. Franca: Trabalho de Conclusão de Curso, 2003.

PAZIANI, R. Outras leituras da cidade: experiências urbanas da população de Ribeirão Preto durante a Primeira República. **Tempo**, Dez 2005, v.10, n.19, p.175-200. ISSN 1413-7704. Disponível em www.scielo.br. Acesso em: 14 Mai 2007

TUON, L. **O Cotidiano Cultural em Ribeirão Preto (1880-1920)**. Franca: Dissertação – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, 1997.

Fontes:

A Cidade. Ribeirão Preto: Ano I, jan/jun 1905

Indústria e Profissão. Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. 1911-1920.